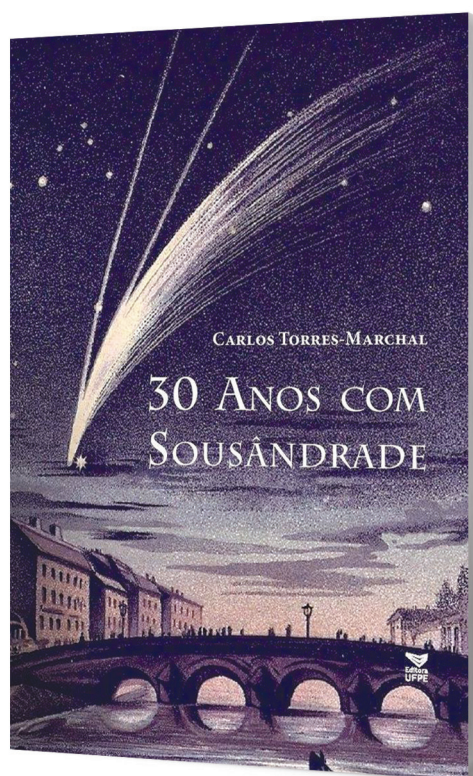


livros



O Guesa esmiuçado

Alessandra da Silva Carneiro

30 Anos com Sousândrade, de Carlos Torres-Marchal,
organização de Sueli Cavendish e Michelle Valois, Recife, Editora UFPE, 2016, 450 pp.

Contribuição decisiva para a fortuna crítica de Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), o livro *30 Anos com Sousândrade*, de Carlos Torres-Marchal (Lima, 1947/Salvador, 2016), rechaça a recepção do poeta oitocentista no século XX, pois avalia que a chave de leitura que o consagrou atribuiu-lhe características estéticas anacrônicas. Como se sabe, a inserção de Sousândrade no canône literário oficial aconteceu somente em 1964, com a publicação do livro *Revisão de Sousândrade*, de Augusto e Haroldo de Campos. Esse primeiro estudo de fôlego da obra do poeta maranhense prioriza os aspectos micro e macroestéticos do poema *O Guesa*, especificamente dos cantos II e X, e com ele os irmãos Campos foram os responsáveis pela divulgação da obra de Sousândrade mais de 50 anos após sua morte, influenciando toda uma tradição de leitura e estudos acadêmicos sobre ela. Desde então, Sousândrade foi consagrado como o precursor do Modernismo e

pai do Concretismo, poeta *avant-garde* e por isso incompreendido na sua época.

Oposto a isso, Carlos Torres-Marchal propõe-se a entender os estímulos da criação poética sousandradina no século XIX. Para tanto, empreendeu trabalho minucioso de pesquisas, realizadas às suas próprias expensas, ao longo de três décadas – razão do título do livro ora resenhado. *30 Anos com Sousândrade* compreende uma dezena de estudos sobre a obra do poeta, publicados separadamente entre 2008 e 2013 na *Eutomia*, revista *on-line* do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O mesmo encontrava-se no prelo desde 2014, mas só veio a público no segundo semestre de 2016, pela editora da universidade, fato que explica a discordância das datas impressas na folha de rosto e na ficha bibliográfica dos exemplares.

Movido pelo diletantismo, Carlos Torres-Marchal pesquisou em diversos países da

ALESSANDRA DA SILVA CARNEIRO é doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP.

Europa e das Américas. Nos Estados Unidos, por exemplo, pôde coletar informações raras sobre a década de 1870, quando Sousândrade mudou-se para Nova York e publicou pela primeira vez o Canto X do seu poema épico. É a partir desse aporte bibliográfico inédito, resultado de trabalho dedicado e persistente, que o autor analisa, por exemplo, as duas passagens mais memoráveis de *O Guesa* e opõe-se à extirpação do “Inferno de Wall Street”, no Canto X, pelos irmãos Campos. Esse trecho do poema, assim como o seu correspondente no Canto II, representa a descida do protagonista épico ao plano inferior e, por isso, não pode prescindir do contexto no qual está inserido. É notável que Torres-Marchal está menos interessado na análise literária que exegética da obra, por isso seu empenho em esclarecer as possíveis fontes e intertextos estabelecidos por Sousândrade na tessitura da sua obra máxima.

Posto isso, em “Crônicas do Inferno”, primeiro estudo que lemos em *30 Anos com Sousândrade*, o autor realiza análise da temática do sobrenatural presente nas duas últimas estrofes que encerram a primeira versão do Canto X, publicado em Nova York no ano de 1877. Assim, Torres-Marchal decifra um conjunto de referências ligadas ao vidente estadunidense Charles H. Foster, às feiticeiras de *Macbeth*, de Shakespeare, à “Noite de Walpúrgis”, de Goethe, bem como ao Meia-Lua, navio outrora guiado por Henry Hudson e que assombraria o rio nova-iorquino que hoje leva o seu nome. Todas essas referências, aludidas no poema hermeticamente, só podem ser identificadas por meio da recuperação de fontes e obras utilizadas por Sousândrade, caso contrário fariam recair sobre o poema a pecha de *non-sense*. Com isso, Torres-Marchal consegue

aproximar o leitor do processo de escrita do poeta, que apropriava-se de um arsenal bibliográfico e depois eliminava os rastros dos textos com os quais *O Guesa* dialoga.

O artigo supracitado é exemplar ao revelar não só o método de trabalho de Sousândrade, mas também o de Torres-Marchal. Seus artigos sempre partem da análise de estrofes específicas com a finalidade de esmiuçá-las e identificar-lhes os intertextos, não raro concebendo mais de uma hipótese interpretativa. Cada artigo é fartamente documentado, com bibliografia extensa, boa parte em inglês, e rico material iconográfico (não obstante a má qualidade das impressões). Seu estilo de escrita pode parecer excessivamente técnico para o especialista em literatura, o que não nega a formação original do autor, que é engenheiro aposentado. Independentemente disso, seu trabalho cumpre a tarefa de reconstituir as pegadas do *Guesa* e de Sousândrade mundo afora e torna-se obra de referência para futuras tentativas de superação de qualquer peça hermenêutica já realizada do *corpus* sousandradino.

“Crônicas do Inferno II” continua a exploração do Canto X iniciada no artigo de abertura e com “A Lenda do Tatuturama” forma a tríade mais interessante do livro, visto que desmitifica os episódios mais intrigantes de *O Guesa*. Em relação ao “Inferno de Wall Street”, o autor prefere chamá-lo de “Inferno de Sousândrade”, pois o tema da bolsa de valores de Nova York aparece apenas nas cinco primeiras estrofes do total de 176 que compõem a versão final do poema. Sendo assim, em “Crônicas do Inferno II”, Torres-Marchal analisa essas estrofes ligadas propriamente à temática econômica na passagem da personagem Guesa pelo inferno e registra a ocorrência “de uma maior preocupação

literária e escatológica do que econômica” nas mesmas (p. 45). As personagens citadas no “Inferno” são identificadas como *business mans* ligados à venda de ações ferroviárias e Torres-Marchal analisa a participação também da personagem Guesa nessas transações, sugerindo que “Sousândrade tenha perdido dinheiro em operações da bolsa, talvez até da Delaware and Hudson” (p. 51).

Em “A Lenda do Tatutureka” conhecemos as condições da viagem que Sousândrade fez ao Amazonas em 1858 e que serviu de inspiração para o Canto II d’*O Guesa*. No breve período em que esteve em Tabatinga (AM), Sousândrade estabeleceu contato com as tradições das comunidades indígenas ribeirinhas da região, como o ritual da moça nova, dos índios ticunas, descrito na passagem infernal desse canto. O autor argumenta que o termo “*tatutureka*” é neologismo sousandradino, sem embasamento etnológico, ligado ao referido ritual e não ao da entidade Jurupari, conforme a leitura mais conhecida dessa passagem. Torres-Marchal é generoso ao oferecer ao leitor denso caldo de informações pouco exploradas por ele mesmo no livro, como no caso do tema recorrente de bebidas alcoólicas no *corpus* sousandradino, ou mesmo da possível etimologia da palavra “*tatutureka*”. Disso decorre o enorme interesse que este estudo pode suscitar entre futuros pesquisadores da obra do poeta maranhense.

Em “Contribuições a uma Biografia de Sousândrade”, dividido em duas partes, Torres-Marchal rebate algumas imprecisões e anedotas relativas à vida do escritor. Guiado pela polêmica convicção de que conhecer a biografia do poeta é essencial para entender sua obra, Torres-Marchal oferece ao leitor informações inéditas sobre as andanças de

Sousândrade pelo mundo e esclarece, por exemplo, as datas da sua dupla estadia nos Estados Unidos. A origem da anedota da penúria sofrida pelo autor, cuja única fonte de renda nos últimos anos de vida teria sido a venda das pedras do muro do seu casarão, às margens do Rio Anil, na capital maranhense, também é desconstruída. Conforme comprova o pesquisador, Sousândrade, depois de uma temporada no Rio de Janeiro, “encontrou a Quinta Vitória invadida e transformada em depósito de pedras” retiradas do mesmo rio e “reclama seu direito de ‘tirar algum rendimento’ deste uso da sua propriedade” (p. 157).

30 Anos com Sousândrade consta ainda de três artigos sobre a presença de “Dom Pedro II no Inferno de Wall Street”. O monarca brasileiro é o personagem mais citado nesse episódio, visto que é referenciado direta ou indiretamente em 35 das 176 estrofes que compõem a sua versão final. Essas referências se justificam pela oposição que Sousândrade fazia ao imperador, que visitou os Estados Unidos em 1876 em decorrência das comemorações do centenário da independência daquele país. Torres-Marchal aborda minuciosamente cada estrofe, apoiado em notícias da imprensa da época, que reagiu positivamente à visita do primeiro imperador em exercício em solo republicano. Essa metodologia elucida muitas passagens herméticas do poema, pois Sousândrade inspirou-se em notícias de jornais nova-iorquinos na escrita do “Inferno”, o que torna esse episódio, muitas vezes, uma espécie de colagem enigmática. Sousândrade aproveita a deixa para criticar a monarquia brasileira, bem como as falhas da república estadunidense sob a administração do presidente Ulysses S. Grant. O ineditismo da

análise dessas estrofes decorre das fontes primárias estadunidenses a que o pesquisador teve acesso, bem como de um *scrapbook* de recortes jornalísticos intitulado *Dom Pedro in the U.S.* disponível na Lima Library (Catholic University) em Washington, D.C.

Diferentemente dos demais artigos, “O Multilinguismo e a Atualização d’*O Guesa*” configura uma crítica à edição do poema publicada em 2012, com organização de Luiza Lobo. Trata-se da primeira versão com ortografia atualizada, além de respeitar as normas do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, visto que edições anteriores a essa preservaram a grafia do português oitocentista. Carlos Torres-Marchal explora alguns exemplos de atualizações inadequadas e anotações improcedentes dessa versão de *O Guesa* e é bastante convincente nas soluções que apresenta para cada caso. O autor enfatiza que, frente ao uso de pelo menos 12 línguas empregadas por Sousândrade no poema (latim, grego, português, espanhol, italiano, francês, alemão, holandês, norueguês, inglês, aramaico e línguas ameríndias), é necessário cuidado para discernir o que deve ser mantido para não contrariar a intenção do autor, porque “Sousândrade, ao introduzir uma palavra em língua estrangeira, frequentemente a acompanha de informações sobre o seu contexto, ou sobre o motivo de sua inclusão” (p. 325).

Por fim, “Sousândrade: Poeta-Astrônomo” destaca as referências a fenômenos astronômicos na obra do poeta, sobretudo em *O Guesa*, e chama atenção para o conhecimento que ele detinha sobre o assunto, ao passo que também revela a perspicácia de Torres-Marchal ao recuperar tais referências. Por

outro lado, esse é talvez o artigo que mais inquiete o leitor em virtude da intenção do autor em precisar datas de viagens e eventos biográficos do poeta por meio da ocorrência de fenômenos naturais. Exemplo disso é a menção ao eclipse solar ocorrido em 1858, ano em que Sousândrade viajou ao Amazonas, mencionado nos versos do Canto III e considerado por Torres-Marchal como confirmação da “sua presença no Rio Solimões na data do eclipse” (p. 75). Outro exemplo é a alusão no Canto III a um “cometa, do desejo/Errante imagem lívida de amores”, identificado por Torres-Marchal como o cometa Donati, o mesmo que ilustra a capa do livro em questão, embora possa tratar-se apenas de uma imagem poética.

A referida ilustração da capa deixa a desejar, pois, embora faça referência a um dos artigos contemplados no livro, não representa nenhum achado iconográfico do autor. Melhor seria, por exemplo, ter destacado na capa uma foto rara da Quinta da Vitória encontrada por Carlos Torres-Marchal no jornal *O Malho* e que podemos conferir na página 376 do livro. Além disso, *30 Anos com Sousândrade* carece de introdução que faça jus ao longo percurso do trabalho empreendido pelo pesquisador, falha compensada pela apreciação crítica de Luiz Costa Lima, no Prefácio, e texto da quarta capa de Marília Librandi-Rocha (Stanford University). Vale ainda dizer que ficaram de fora dessa coletânea dois artigos publicados na revista *Eutomia* após 2013: “Contribuições para uma Biografia de Sousândrade III – As Filhas do Poeta” e “Shakespeare em Sousândrade”, os quais podem ser consultados na página *on-line* da revista.